



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ALFA DOS SANTOS SILOM**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O  
PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM GUINÉ-BISSAU**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**ALFA DOS SANTOS SILOM**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O  
PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação - Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Santos.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

S577c

Silom, Alfa dos Santos.

Considerações sobre a percepção da Língua Portuguesa e o preconceito linguístico em Guiné-Bissau / Alfa dos Santos Silom. - 2019.

40 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Santos.

1. Língua Portuguesa - Aspectos sociais - Guiné-Bissau. 2. Língua Portuguesa - Português falado - Guiné-Bissau. 3. Preconceito linguístico. 4. Sociolinguística. I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 469.796657

**ALFA DOS SANTOS SILOM**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O  
PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Data de aprovação: 02/09/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos (Orientador)**

Doutor em Letras – FFLCH/USP

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

**Prof. Dr. Denilson Lima Santos**

Doutor em Letras – Universidade de Antioquia, Medellín, Colômbia

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre**

Doutora em Letras – Unesp UNILAB/Malês

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço à Deus, por ter me dado a vida, saúde, força e disposição para fazer a faculdade e este trabalho.

Ao meus pais, Marinho Dos Santos e Rosa Intchami pelo apoio, força, amor incentivo e tudo que fizeram na minha vida, sem vocês a realização desse sonho não seria possível. Manifesto a minha gratidão a todos os professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica, especialmente ao meu orientador Eduardo Ferreira Santos, obrigado por compartilhar sua sabedoria, seu tempo e sua experiência comigo.

Aos meus amigos, companheiros de luta agradeço por todo o amor, força, incentivo e apoio incondicional.

Aos professores Sabrina e Denilson pela participação em minha banca de avaliação e pelas contribuições para melhorar o texto.

Agradeço à universidade UNILAB, por me proporcionar um ambiente criativo e amigável para os estudos. Sou grato à cada momento membro desta instituição.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o propósito de abordar a temática que tem ganhado importância ao longo do tempo, o preconceito linguístico, abrindo um espaço para a reflexão desse fenômeno a partir da língua portuguesa falada em Guiné-Bissau. Na primeira seção do trabalho, descrevemos, de forma sucinta a situação sócio-histórica e linguística da Guiné-Bissau, na qual abordamos o panorama linguístico do país e destacamos a consciência do ensino de língua português. No segundo capítulo sublinhamos a prática do preconceito linguístico e como é percebido na Guiné-Bissau, pois durante a nossa abordagem, percebe-se que boa parte da sociedade guineense julga que o português falado no país, principalmente no interior, é ilegítimo e errado. No capítulo seguinte, aplicamos um questionário para alguns estudantes resididos na Guiné-Bissau e no Brasil, concretamente em São Francisco do Conde (BA), com a finalidade de perceber como esses falantes percebem a língua portuguesa e julgam alguns comportamentos/situações linguísticas. Para realização do trabalho utilizamos o método bibliográfica como uma forma de fazer as revisões literárias para embasar o trabalho e a pesquisa qualitativa para analisar os dados. Na última seção, realçamos a importância de que a língua é heterogênea e variável.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa - Aspectos sociais - Guiné-Bissau. Língua Portuguesa - Português falado - Guiné-Bissau. Preconceito linguístico. Sociolinguística.

## RESUMU

Es tarbadju na papia di um assuntu ki tene tchiu importância na es tempu, mau intindimentu ki alguin ta tene sobri língua, li nona bim papia di portuguis kita papiadu na Guiné-Bissau. Na kunsada di tarbadju, no papia um bodinho di história, sociedade i línguas di Guiné-Bissau, nunde kino mostra purblemas ki lingua portuguis tici pa alunus na scola. Na sugundu mumentu no papia di mau intindimentu ki djintis tene di língua na Guiné-Bissau, durante tarbadju no ntindi kuma manga di djintis na Guiné-Bissau ta fala portuguis kita papiadu pa manga di djintis ika bali principalmenti pa kilis ki mora na tabanka. Dipus no faci purgunta pa alguns estudantis guineenses ki mora na Brasil na Bahia i utrus na Bissau, pano pudi ntundi kuma ki papiadudir di portuguis ta ntindi portuguis, i kuma keta djubi utru djintis kita papia portuguis diferenti.

**Palabras-principal:** Diferente manera di papia língua. Língua portuguis - Guiné-Bissau. Mau intindimentu di língua.

## ABSTRACT

This course conclusion paper has the purpose of addressing the theme that has gained importance over the time, the linguistic preconception, opening a space for reflection of this phenomenon about the portuguese spoken in Guinea-Bissau. In the first section of the paper, we briefly describe Guinea Bissau's socio-historical and linguistic situation, in which we approach the country's linguistic landscape and highlight the awareness of the teaching of portuguese language. In the second chapter we emphasize the practice of linguistic preconception and how it is perceived in Guinea-Bissau, because during our approach, it was clear that much of Guinean society thinks that Portuguese spoken in the country, especially in the countryside, is illegitimate and wrong. In the following chapter, we applied a questionnaire to some students residing in Guinea-Bissau and Brazil, specifically in São Francisco do Conde (BA), in order to understand how these speakers perceive the Portuguese language and judge some linguistic behaviors / situations. To perform the work we used the bibliographic method as a tool to make literary reviews to support the work and qualitative research to analyze the data. In the last section, we emphasize the importance that language is heterogeneous and variable.

**Keywords:** Linguistic prejudice. Portuguese Language - Portuguese spoken - Guinea-Bissau. Portuguese Language - Social aspects - Guinea-Bissau. Sociolinguistics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Mapa de continente Africano com destaque para Guiné-Bissau	13
<b>Quadro 1</b>	Divisão administrativa de Guiné Bissau por setores	14
<b>Figura 2</b>	Divisão administrativa de Guiné-Bissau	15
<b>Tabela 1</b>	Percentagens das línguas faladas em Guiné-Bissau	16
<b>Figura 3</b>	Mapa linguístico da Guiné-Bissau	17
<b>Tabela 2</b>	Percentagem das religiões em Guiné-Bissau	20

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2</b>	<b>PANORAMA HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU</b>	13
2.1	ASPECTOS HISTÓRICOS DE GUINÉ-BISSAU	13
2.2	ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DE GUINÉ-BISSAU	16
2.3	GUINEENSE NA EXPRESSÃO CULTURAL	18
2.4	O PORTUGUÊS NA GUINÉ-BISSAU	20
<b>3</b>	<b>PRECONCEITO: BREVES CONCEITUAÇÕES</b>	23
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA, APLICAÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO</b>	28
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	37
	<b>REFERÊNCIAS</b>	39

## 1 INTRODUÇÃO

Ao sermos iniciados nos estudos linguísticos, em especial nas disciplinas que abordam a leitura e produção de textos, temos contatos com novas abordagens, como a sociolinguística, que nos auxiliam no entendimento da linguagem e sua interdisciplinaridade com outros estudos.

Nesse contexto, temos acesso a obras e discussões como o clássico *Preconceito linguístico*, de Marcos Bagno (2007). Em sua obra, Bagno destaca 8 mitos que definiriam a presença do preconceito linguístico entre os falantes de determinada língua. Consideremos o 2º mito linguístico denominado “O Brasileiro não sabe Português/Só em Portugal se fala bem Português” e as palavras do autor:

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. [...]. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática — isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal (BAGNO, 2007, p.23).

De igual modo acontece em Guiné-Bissau. O português hoje falado por guineenses diferencia-se do português falado em Portugal, como bem explicitados nos sotaques e no léxico somente usado pelos guineenses.

Nessa perspectiva, ressaltamos que boa parte da sociedade guineense julga que o português falado no país com traços de línguas africanas, principalmente do interior do país, é errado, pois só se teria uma única forma de falar, que deveria obedecer às regras da gramática normativa, conseqüentemente, a norma europeia ou lusitana.

Essa visão deturpada da situação linguística de Guiné-Bissau não contempla o fato de que não existe um único modo de falar a língua, pois há variação de acordo com a etnia, nível social, idade, local de residência e de origem do falante, etc., dando margens, assim, para o surgimento de um preconceito linguístico.

O termo preconceito carrega um peso negativo. De acordo com Allport (1954, p.22) preconceito “é uma atitude hostil ou preventiva a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui as características contestáveis atribuídas a esse grupo”.

O preconceito não se faz presente apenas no que se refere às questões de ordens sexuais, religiosas e físicas das pessoas, por exemplo, mas também tem impacto nas relações entre falantes da língua quando começam a ser colocados em prática, inconvenientemente, o modo

de se considerar uma língua como protótipo e por lhe colocar à frente de outras línguas a partir de valores, na maioria das vezes, subjetivos.

Para a realização deste trabalho, a pesquisa concentrou-se em dois lugares, a saber: uma parte da pesquisa empírica foi feita com alguns alunos em Guiné-Bissau e outra parte com alguns estudantes guineenses no Brasil, que residem no Estado da Bahia e fazem seus cursos de graduação na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, situado em São Francisco do Conde (BA).

Destacamos que Guiné-Bissau é um país que ocupa uma pequena área da África, situado na costa ocidental. Trata-se de um país colonizado por Portugal e que legou a língua portuguesa como herança desse processo. De modo análogo, é fundamental destacar que Guiné-Bissau possui uma diversidade cultural muito rica, a partir de um cenário multilinguístico envolvendo as diferentes etnias locais. Evidencia-se, assim, nosso interesse central em analisar o preconceito linguístico que existe entre os falantes de português da Guiné-Bissau.

Organizamos o nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, contextualizaremos a história do país e a diversidade linguística aí presente. No segundo capítulo, falaremos de preconceito linguístico, relacionando sua origem até os momentos atuais e como ele é presente na Guiné-Bissau quando nos debruçamos sobre questões linguísticas, em especial, do uso da língua portuguesa. O terceiro capítulo será dedicado à metodologia para levantamento do questionário e dos dados. A análise e discussão dos resultados advindos dos questionários serão discutidos no quarto capítulo. Por último, teceremos as considerações finais, seguida pela bibliografia utilizada.



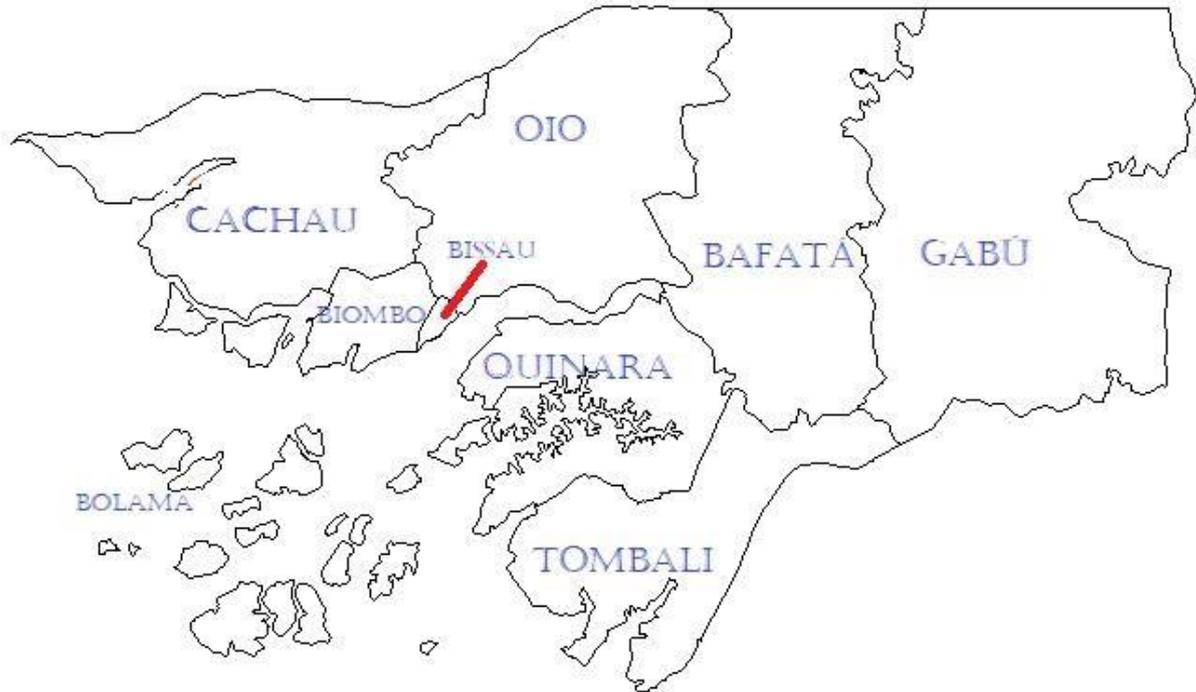
De acordo com o INE (Instituto Nacional de Estatística), a população do país é de 1.514.451 habitantes (2014), que residem em um território dividido em oito regiões administrativas, a saber: Bafatá, Gabú, Cacheu, Biombo, Bolama, Oio, Quinara, Tombali e sector autónomo de Bissau, sendo que cada região possui sectores, totalizando 37 sectores<sup>1</sup>. Dentre essas regiões, destaca-se a capital Bissau, com 31% da população. No quadro de número 01, é possível observar a divisão administrativa do país. Analogamente, é possível acompanhar essa divisão por meio do mapa de número 02:

**Quadro 1** - Divisão administrativa de Guiné Bissau por setores

<b>Região administrativa de Guiné Bissau</b>	<b>Sectores</b>
Região de Bafatá (seis sectores)	Bafatá, Bambadinca, Contubel, Gamaduso, Xitole e Galomaro;
Região de Gabú (cinco sectores)	Gabú, Sonaco, Boé, Pira e Pitche;
Região de Quinara (quatro sectores)	Buba, Tite, Fulacunda e Empada;
Região de Tombali (quatro sectores)	Bedanda, Quebo, Catio e Cacine;
Região de Biombo (três sectores)	Biobo, Prabis e Quinhamel;
Região de Oio (cinco sectores)	Flarim, Nhacra, Manssoa, Mansaba e Bissorã;
Região de Cacheu (seis sectores)	Caio, Bijene, Canheu, Canchungo, Bula e São Domingo;
Região de Bolama (quatro sectores)	Bolama, Bubaque, Caravela e Uno;
Sector autónomo de Bissau: capital do país.	

<sup>1</sup> No contexto brasileiro, “sector” corresponde a município. Por sua vez, um conjunto de sectores corresponde a um estado.

**Figura 2** - Divisão administrativa de Guiné-Bissau



Fonte: o autor.

Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa na África a tomar a sua independência, em 1973, proclamada unilateralmente, vindo a ser reconhecido pelos portugueses em 1974. Depois da tomada da independência o país passou por momentos de instabilidade política, que posteriormente, culminou em guerra civil, em 1998, conhecida por “7 de junho”.

A guerra tinha dois protagonistas: de um lado, estava dirigido por Ansumane Mané, que era sustentado pelos grupos de pessoas inconformados com regime do presidente Nino Vieira; e por outro lado tinha governamental que eram tropas do governo apoiando o presidente.

O Brigadeiro Ansumane Mané que tinha sido recentemente demitido da função de chefe do Estado-maior General das Forças Armadas, por alegado incúria no tráfico de armas para os independentistas de Casamaça (Senegal)] toma o controlo do quartel militar de Bra e de outros pontos estratégicos de Bissau, como o aeroporto internacional. Ansumane Mané “forma uma junta militar” para a consolidação da democracia, paz e justiça”, exigindo a resignação de “Nino” e a convocação de novas eleições para julho. As tropas leais ao Governo, apoiadas por soldados Senegaleses e da República da Guiné, tentavam sem sucesso recuperar o controlo das zonas-rebeldes da cidade (PINTO,2009, p.16).

A consequência da guerra fez surgir um Estado mais agressivo internamente, gerando uma instabilidade permanente que se faz presente até os momentos atuais, com sucessivos assassinatos de líderes e golpes de Estado. Além disso, muitas famílias tiveram perda de entes,

pois a maioria dos homens iam à guerra, deixando uma geração de órfãos, tendo impactos, inclusive, na falta de mão-de-obra e, conseqüentemente, na economia do país.

## 2.2 ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DE GUINÉ-BISSAU

No país, encontram-se mais de 30 grupos étnicos – um autêntico mosaico étnico-cultural – cada um com a sua língua própria, entre as quais umas são de linhagens diferente e outras são variedades de uma mesma família. Cada grupo étnico localiza-se maioritariamente numa determinada região em busca de afirmação de suas identidades particulares. Além de línguas étnicas, também há o guineense conhecido no território como Kriol<sup>2</sup> que resulta do contato direto da língua dos colonizadores (portugueses) com as línguas africanas locais. Além destas línguas, devido à aproximação dos mercados financeiros e fortes relações que o país tem com Senegal, Guiné Conacri e Gambia, o Inglês, Francês e Wolof também estão presentes no país.

Seguem as percentagens de falantes de diversas línguas presentes no país:

**Tabela 1** - Percentagens das línguas faladas em Guiné-Bissau

Crioulo	44,31%
Balanta	24,54%
Fula	20,33%
Português	11,08%
Mandinga	10,11%
Manjaco	8,13%
Papel	7,24%
Biafada	1,24%
Bijagós	1,96%
Mancanha	1,86%
Felupe	1,48%
Nalu	0,31%
Outros	0,05%

Fonte: Scantamburlo, 2013 (*apud* CA, 2015, p. 64 e 65).

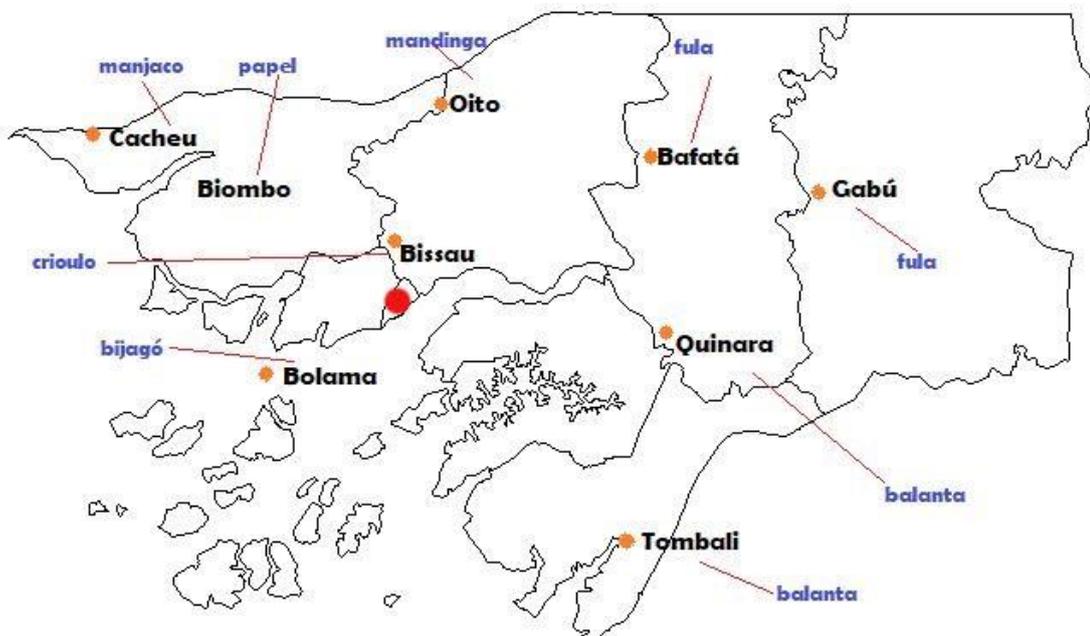
<sup>2</sup> Assim como já foi evidenciado, preferimos, nessa pesquisa, evitar a denominação Crioulo para a língua mais falada em Guiné Bissau. Assim sendo, ela sempre será denominada como Língua Guineense.

É importante lembrar que, além dessas aqui ainda existe outras, como Kobiana, Padjadinka, Djola, Banhum, Nalú, Baioté, Kassanka, Sesso, Djakanka, Maninka e Soninké e entre outras que já estão desaparecendo.

Geralmente, as línguas étnicas são faladas nas comunidades rurais pelas famílias do mesmo grupo, pois são utilizadas para a comunicação entre vizinhos, nas cerimônias de *toca choro*<sup>3</sup>, circuncisão, casamento, nas lavouras e em qualquer diversão. É através dessas línguas que são ensinados os conhecimentos ancestrais, a identidade do povo e as suas tradições. A sua utilização na capital do país acontece em casa, entre as famílias que as utilizam e, eventualmente, nas ruas quando duas pessoas do mesmo grupo se encontram. Ademais, verifica-se o uso de línguas étnicas também durante a campanha eleitoral, na qual os políticos, ao chegarem à zona rural, utilizam-nas para fazer a população local entender os seus programas de governo.

A fim de melhor ilustrar a situação multilíngue do país, segue o mapa linguístico da Guiné-Bissau:

**Figura 3** - Mapa linguístico da Guiné-Bissau



Fonte: o autor.

<sup>3</sup> Toca choro, é uma cerimônia destinada a contentar a morte para que não volte a fazer mal aos familiares. Tem um valor para o sufrágio das almas dos entes queridos. Há dois motivos que leva povo Balanta a fazer esta cerimônia: primeiro é transcendental e segundo é terreno. No transcendental é para facilitar o repouso em paz da sua alma. Já o segundo motivo aponta para o fato de os povos acreditarem que, sem este rito, a alma pode suscitar uma revolta contra familiares, como a mortalidade dos animais e a má colheita do arroz e doenças. No sentido terreno relaciona-se com o medo, porque todas as causas e as desgraças podem ter origem no não cumprimento deste rito. Todas as pessoas podem participar da cerimonia que é cultuada nas zonas rurais.

## 2.3 GUINEENSE NA EXPRESSÃO CULTURAL

Conforme mencionado, além das línguas africanas, ainda existe o guineense com base lexical portuguesa. Segundo Cardoso, Hagemeyer e Alexandre (2015, p.666) “os crioulos de base lexical portuguesa estão ligados à expansão marítima portuguesa em África e na Ásia, tendo resultado do contacto entre o português e diferentes línguas africanas e asiáticas”. Na Guiné-Bissau, a formação do crioulo começou desde 1446, com a chegada dos portugueses ao território, possibilitando convívio entre os povos nativos e os colonizadores.

Os crioulos de base lexical português falados na Alta Guiné (CAG), nomeadamente, o cabo-verdiano, falado em Cabo Verde; o kriyol, falado na Guiné-Bissau, e o crioulo de Casamansa, falado na região de Casamansa (Senegal), são línguas com um elevado grau de inteligibilidade mútua, em particular os últimos dois, que são geralmente considerados dialetos da mesma línguas. Kihm, Alain (1994) *apud* Cardoso, Hagemeyer, Nélia e Alexandre (p.666, 2015).

Atualmente, a língua guineense é a língua falada pelo maior número de guineenses, assim, há poucos casos de pessoas que não domine essa língua e, num contexto multilíngue, é através dela que diferentes grupos étnicos mantêm comunicação e trata-se, pois, de uma língua franca no contexto guineense. Dessa forma, “numa situação de multilinguismo, como é o caso de Guiné-Bissau, não haveria entendimento entre as diferentes etnias senão fosse através do Crioulo” (ABDULA, QUEBI & TIMBANE 2014, p. 190). Nesse mesmo sentido, podemos assumir que o guineense carrega uma função social de língua mais vulgar entre os falantes de famílias mais numerosas, passando ao estatuto de idioma independente, tanto do ponto de vista gramatical quanto lexical.

Mesmo sendo a língua mais falada, até hoje não estabeleceram uma norma para sua escrita, e essa não normatização da sua escrita faz com que cada um escreva o crioulo a seu modo, assim, a mesma palavra em diferentes circunstâncias aparece com escrita diferente. Isso atesta um desprezo pela própria cultura, considerando o português como a língua oficial em detrimento do crioulo. Apesar de o crioulo ser a língua mais falada, não foi opção para ocupar o lugar da língua oficial, pois uma das justificativas para a não escolha do crioulo como a língua oficial, é que o crioulo não é língua internacional:

Entendemos, por outro modo, que o crioulo de base portuguesa é uma língua internacional, pois ela é falada em Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe. Por este potencial internacional poderia se aproveitar mais transformando-a num potencial instrumento comunicacional mais forte” (TIMBANE & NAMONE 2017, p.44).

Levando em conta esta ideia e outros fatores que iremos abordar a frente, o guineense poderia assumir outro status que vai permitir a sua expansão por outra parte do mundo.

Nesse sentido, o guineense carrega um grande poder na cultura guineense, uma vez que é por meio dele que as músicas populares assim como modernas são expressadas. Nas músicas populares, podemos mencionar gumbé e tina que são gêneros musicais do país. Ademais há outra forma de expressar em guineense que é através de um grupo de *mandjuandade*<sup>4</sup>.

Assim sendo, de acordo com Embaló (2008), o crioulo foi o impulsionador da música popular, pois as canções das mandjuandades e gumbé são quase todas interpretadas em crioulo (algumas nas línguas étnicas), também os cânticos à guerrilha que aconteceram na Luta Armada de Libertação Nacional da Guiné-Bissau, o que deu mais força e coragem para os combatentes durante os processos de luta.

Quando falamos de gumbé e tina não podemos esquecer Ernesto Dabo considerado uma lenda viva da cultura guineense. Ele é escritor, músico e acadêmico, é uma das pessoas que revolucionou a cultura guineense através das músicas e poesia, a maioria das suas músicas são expressadas em crioulo.

Ainda existe **sikó** que é um estilo de música utilizada mais pelos jovens e principalmente no carnaval que é a maior festa da cultura do país, ainda é utilizado nos jogos como um estilo de claque, e toda a sua expressão é em crioulo.

Quanto a músicas modernas, temos hip hop, que é um estilo musical utilizado muito pelos jovens como uma forma de denúncia e protesto ou para fazer uma crítica contra a situação que a sociedade está a enfrentar, ou contra a fragilidade do governo, ela também é expressada em guineense para atingir toda a população.

Os guineenses, como quaisquer povos, também são religiosos e, no pequeno território nacional, convive um grande pluralismo religioso, que resulta de uma corrente de migração no país ao longo dos tempos. Isso porque a Constituição da República de 1973, no seu capítulo II no artigo 17, declara uma liberdade de livre praticar de qualquer religião. Para enfatizar a presença de algumas religiões, podemos destacar o islamismo, que foi trazido pelos comerciantes de Argélia, Mali e Marrocos. Atualmente, os principais povos que o praticam são: Fulas, Mandingas, Biafadas.

---

<sup>4</sup> Mandjuandade, são agrupamentos de indivíduos de ambos sexos, da mesma faixa etária, com uma estrutura social específica e hierarquizada, que se confraternizam e festas e encontros sociais. Gumbé é um gênero musical que surgiu da junção de alguns ritos de diferentes grupos étnicos da Guiné-Bissau, (como tina, kussudé, djambadom, kunderé, etc.) Tem como os principais instrumentos a cabaz, este último, é também um estilo musical na Guiné-Bissau. (SAMPA; SILVA 2017, p.242).

Por sua vez, no que se refere à religião cristã, podemos destacar sua prática entre os povos Papel, Balanta, Manjaco, Mancanha, Bijagós e Felupes. Esta religião foi trazida pelos europeus desde a época da colonização. Além da religião muçulmana e cristã, ainda existem as religiões tradicionais que prevalecem desde antes da chegada do cristianismo e do islamismo no país.

**Tabela 2** - Percentagem das religiões em Guiné-Bissau

Etnias locais	49,9%
Islâmica	41,9%
Cristão	11,9%
Outras	1,3%

Fonte: INE (2017).

Todas essas religiões convivem em harmonia no país e, quando há um problema no governo, são os líderes religiosos que se juntam para tentar resolver, pois a maioria das instituições missionárias no país tem um projeto ligado à área social, ou seja, além de evangelizar, educação e saúde também fazem parte de sua missão, e essas ações acontecem principalmente no interior do país. “As Igrejas Evangélicas são as pioneiras na elaboração de dicionários do crioulo, como também na tradução desses para as línguas étnicas e de dublagem de filmes (filmes cristãos)” (SAMBA & SILVA, 2017, p.236).

Nas redes de comunicações sociais de Guiné-Bissau, o crioulo é a língua dominante, pois as notícias de rádios, televisão e a maioria dos programas são em língua guineense. Assim, no parlamento, os deputados preferem discursar nessa língua porque há muitos que não compreendem português.

No convívio guineense, o crioulo é a língua mais expressada, nos contos e nas adivinhas (histórias), pois no tempo de luar as crianças sentam de círculo e os avôs contam as histórias que servia como um exemplo de vida, e tudo isso era em crioulo.

## 2.4 O PORTUGUÊS NA GUINÉ-BISSAU

Com a oficial proclamação da independência do país, em 24 de setembro de 1974, o português passou a ser a língua oficial, e também a língua de ensino, pois é usado para concertação em qualquer congresso internacional e em todas as escolas do país, já que o seu uso é obrigatório durante as aulas e em todos os recintos escolares.

Apesar de todas as exigências, a língua portuguesa não é popular, ou seja, não é língua de comunicação nacional. Isso pode ser atestado pelo fato de que é língua materna de poucos guineenses, ou seja, a maioria das pessoas que se comunicam em português como a primeira língua é filho dos guineenses nascidos em Portugal, Brasil ou em outros países estrangeiros, ou filhos de portugueses e brasileiros nascidos no país. Neste caso, podemos questionar o que tem no português para ser escolhido como uma língua oficial sendo que o guineense é mais falado?

Alguém poderia dizer porque não tem livros didáticos, dicionário, gramática e nem livros didáticos em guineense, portanto, ele não pode ser escolhido como a língua oficial. Neste caso, podemos ver outros casos semelhantes. A África do Sul, por exemplo, oficializou as onze LB locais e essa coragem política preserva as línguas fazendo com que estas sejam mais valorizadas não só pelos sul-africanos, mas também pela comunidade internacional (Neville, 2004 *apud* TIMBANE 2015, p 94).

Guiné-Bissau poderia seguir o mesmo exemplo de escolher o guineense como língua oficial, já que é falado pelo maior número das populações e serviria como um modo de difundir a língua e cultura guineense. E por outro lado, a língua guineense apresenta toda a condição de uma língua e possibilita a comunicação como qualquer outra.

Em Moçambique, por exemplo, o privilégio atribuído à LP é resultado da Política e do Planejamento Político vigente, iniciado pelo sistema colonial e apoiado pelo primeiro Governo, em 1975 (TIMBANE, 2015, p.94). Esse mesmo processo aconteceu na Guiné-Bissau, uma vez que, os dois países passaram por mesmo processo da colonização. Por outro lado, entende-se que depois da independência um grupo das pessoas que eram donos de poder políticos, influenciaram em escolha de português como língua oficial, língua com mais status. Por todas essas razões, entendemos que a escolha de língua oficial é influenciado pelo fator económico, política e histórico.

Ainda é valido destacar que, muito embora seja considerada a língua oficial, não consta em nenhum parágrafo da Constituição do país que a língua oficial é portuguesa.

Podemos afirmar que a língua portuguesa não se enquadra como oficial do país em função de dois pontos que, para muitos, são os requisitos mais importantes a que uma língua oficial de qualquer país deve atender, a fim de ter as bases propícias para se apresentar em todo o território nacional: 1) a língua dita “oficial” na Guiné Bissau não domina os trabalhos tanto no poder legislativo quanto no judiciário, pois pouco se discute as suas matérias em português. Ainda mais, os debates na Assembleia Nacional Popular, e os julgamentos nos tribunais da capital e, muito menos, no interior do país não são realizados em português; 2) Iguamente, é possível constatar que o povo não usa o português no seu dia a dia (SILVA & SAMPA, 2017, p. 234).

A escolha do português como língua do ensino pode ser um dos motivos de dificuldade escolar na Guiné-Bissau, uma vez que a língua cotidiana dos alunos não é a mesma língua do ensino, pois a não oficialização do crioulo como língua oficial impactou no avanço dos alunos, isso se deve porque ensino de língua na escola é baseada na gramática portuguesa, e a variedade do português falado na Guiné-Bissau não é mesma da gramática portuguesa, e de outro modo, verifica-se que os professores também apresentam um escasso conhecimento de língua portuguesa, o que leva os alunos a apresentar a mesma complexidade.

Desse modo, “se é verdade que a língua de alfabetização tem um peso determinante no sucesso ou insucesso escolares, não é menos verdade que o insucesso escolar constatado atualmente na Guiné-Bissau, a todos os níveis, não é alheio ao baixo nível de formação dos professores” (EMBALÓ, 2008, p. 103).

Em função disso, Nelson Mandela, grande líder africano, no seu discurso em 2003, numa universidade de África do Sul, afirma que “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. Assim, entende-se que enquanto o português continua a ser a língua do ensino na Guiné-Bissau, a educação guineense continuará a enfraquecer.

Portanto, a escolha da língua oficial num país é realizada através de relação de vida social, ou seja, os dominadores estabelecem a regra que sempre lhes favorecem, porque nunca querem igualar com os de classe baixa, o que os linguistas chamam de política linguística:

a política linguística é um conjunto de medidas que os poderes públicos tomam ou podem tomar para intervir nas interações linguísticas da sociedade. Tal intervenção tem geralmente por objetivo a regulação da atividade linguística na sociedade de acordo com atribuição de funções a uma ou mais variedades presentes (Bagno, 2017, p.349-350).

Ou seja, a escolha de uma língua de ensino é estabelecida por meio do poder, assim, as pessoas com mais status vão influenciar na decisão da escolha de língua oficial.

Dito isto, é impensável e impossível rejeitar as línguas impostas porque, objetivamente, elas foram integradas ao nosso patrimônio cultural, elas unem povos africanos entre si e com a comunidade internacional. as línguas fazem-nos ter acesso a filões fabulosos de cultura e história que são portas incontornáveis para entrar no mundo contemporâneo. Mas com as condições de sairmos da posição de colonizadores e de que não nos obriguem a deixar as nossas próprias língua nos vestiários ou no caixote de lixo do mundo moderno. (KI-ZERBO 2006, P.73).

O português guineense hoje faz parte da cultura local, muito embora chegou no país de uma forma forçada imposto pelos colonizadores mas com a sua utilização no território, nas instituições e nas relações com a comunidade externo ele passa assumir outro caráter.

### 3 PRECONCEITO: BREVES CONCEITUAÇÕES

A palavra preconceito deriva do latim “*prē*” que significa antecipação, adiantamento, e do sufixo “*concéptus*” que significa ação de conter ou opinião. Portanto o preconceito é julgar antes de obter o conhecimento necessário, isto é, um pré-julgamento.

Conforme Hans-Georg Gadamer, filósofo alemão, a história das ideias mostra que até no século XXIII, justamente até o período do Iluminismo, o termo *preconceito* não carregava um sentido negativo que tem nos dias de hoje. Afirma o autor: “preconceito significa um julgamento que é formulado antes que todos os elementos que determinam uma situação antes que ela tenha sido examinada.” (Gadamer, 1988, p. 270. *apud* Mariani, 2008, p. 29).

*Preconceito*, até o momento, não constituía um caso enganoso, porém marcava na terminologia jurídica Alemão, que um fato pode apresentar um valor positivo ou negativo. E de acordo com o pensamento dos iluministas para que uma opinião tenha autoridade é preciso em primeiro lugar ter uma fundamentação, pois sem a fundamentação o argumento não é considerado porque não comprova a sua certeza.

Os iluministas dividem o preconceito em duas categorias: há o preconceito cometido devido a autoridade humana, e por outro lado há preconceito cometido por um excesso de pressa. “A pressa é uma fonte de erro que surge quando se utiliza, quando se parte apenas da própria razão. Já a autoridade, entretanto, é responsável pelo uso da razão alheia, e não a própria.” (Gadamer, 1988, p.270. *apud* Mariani, 2008, p.30).

O aparecimento do preconceito no ser humano, conforme Papalia (2003, p.368), “ocorre no período escolar: a influência negativa do grupo de pares pode reforçar o ato: atitudes desfavoráveis em relação a membros de outros grupos diferentes, principalmente membros de determinados grupos raciais ou étnicos.” Ou seja, com a saída das crianças do colo dos pais e ao começar a frequentar a escola ou um grupo de igreja e de futebol começam a surgir de forma espontânea os grupos de amigos, que por um lado ajudam as crianças a adquirir os conhecimentos e os valores sociais e a desenvolver habilidades que não são ensinadas pelos pais em casa, muito embora há preconceitos que se aprendem em casa, com os pais também, na medida em que as crianças são miméticas e imitam os adultos em diferentes circunstâncias.

Mas também, estes grupos têm outro lado negativo uma vez que, ensina a criança a usar de preconceito em relação ao elemento de outro grupo.

Ainda nota se também que os pequenos grupos de crianças são formados pelas crianças com mesmos status social ou mesmo grupo de mesma raça. Estes grupos em um contato com outro grupo apresentam uma reação negativa baseada na ideia associada a este grupo e este

juízo é assumido em consciência da generalização oferecida de uma experiência pessoal do membro de outro grupo. Um dos tipos de preconceito mais presente na Guiné-Bissau é o preconceito linguístico, que pode ser notado a partir do julgamento das variações de sotaques de um grupo, quando se compara o falar de uma pessoa da região de Bafatá e de uma pessoa que vive na capital (Bissau) e emite-se um juízo de valor.

Além disso, há outros fatos de preconceito linguístico muito presente no território, como a comparação do guineense falado com características de diferentes grupos locais. O exemplo mais evidente é a variedade guineense com características da língua *fula* e *balanta*, pois, quando uma pessoa fala a variedade de guineense com características de língua *balanta* é considerada uma pessoa que não sabe falar o guineense, atrasado e não civilizado. Na perspectiva dessas pessoas, saber falar guineense é falar sem apresentar sotaque de outras línguas locais.

Essas práticas de preconceito linguístico são apresentadas pelos humoristas locais, um exemplo de humorista Sitafá Seide mais conhecido por Mbaná, o seu humor é baseado em imitar um guineense com sotaque de *balanta*, de igual modo que Samba Tenem imita sotaque de *fula* ao falar guineense. A sociedade na sua maioria vê esta prática como normal, isso porque as pessoas são ensinadas que sua língua é melhor do que a outra. É muito frequente que o morador de capital (Bissau) seja preconceituoso contra a forma de falar de uma pessoa que vive no interior do país, pois, em muitos casos, o guineense falado por estas pessoas sofre a influência de língua local.

Um outro caso muito comum de preconceito linguístico que ocorre no país é a variedade de língua portuguesa falada no país, compreendida por algumas pessoas como errada, o que leva as pessoas a ter umas atitudes preconceituosas para as pessoas que falam a variedade do português guineense, que constituiu a maioria da população no território. Muitas pessoas se consideram falantes mais qualificados e instruídos do português porque tentam imitar o sotaque, a morfologia e sintaxe do português falado em Portugal, ou seja, procuram produzir uma fala semelhante aos portugueses.

Afinal, quem define que uma norma que todos devem seguir? São grupos de classe social alta com poder, ou seja, que tem um prestígio na sociedade. São assimilados que acreditam que a língua dos colonizadores é melhor e todos devem imitar a sua variação, assim essa variação passa a ocupar um lugar de prestígio.

Na verdade, a ideia de que a variedade de português guineense é errada, veio dessas pessoas nascidas e criadas nos ambientes urbanos, elites inseridas na cultura escolarizada, muitos estudam na Europa e apresentam um português mais europeu. São grupo de pessoas com status na sociedade considerados classes dominantes, que defendem que todos devem

seguir uma norma de língua e quem fala diferente desta não sabe falar. Assim, estes criam uma ideia negativa da variedade do português que os grupos de classe baixo falam, pois estes são vistos como não civilizados, “burros e atrasados”.

O conceito de norma é o que poderíamos chamar de do senso comum, tradicional ou ideológico, e é aquele que tem mais ampla circulação na sociedade. Na verdade, trata-se muito mais de um preconceito do que de um conceito propriamente dito. É o preconceito de que existe uma única maneira “certa” de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados gramáticas (BAGNO, 2012, p.21).

A ideia de que a língua é homogênea que nega a diferença, acaba por infringir um grupo de pessoas que apresentam uma variedade diferente. De acordo com Saramago<sup>5</sup>, “[...] não há uma língua portuguesa, há línguas em português”. As variações linguísticas presente na Guiné-Bissau, mostra o patrimônio do povo, porque todas as variações são incitadas pelas diversidades culturais e linguísticas presente no país. Assim, o Brasil tem a sua língua português próprio, como Portugal, Cabo Verde, Moçambique, Angola e entre outros países de PALOP.

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (Mussalin & Bentes, 2006, p. 34).

Ainda podemos destacar a variação regionais, que é muito notório na Guiné-Bissau, pois é fácil reparar a fala de uma pessoa de região leste, sul e norte, devido a cultura e língua predominante em cada região. Também tem a variação social, que é determinada através de gênero, idade, nível de escolaridade e posição social. Portanto, todas essas causas mencionadas acima influenciam no português guineense e entre outros termos de comida e da cultura que são incorporados no português local como uma forma de facilitar a comunicação.

Sobre a língua portuguesa falada na Guiné-Bissau, é possível constatar uma série de atitudes preconceituosas pelos professores, alunos contra alunos, e outras exposições nas redes sociais. Na Guiné-Bissau, além de professor ser o detentor do conhecimento, no qual alunos ficam como ouvintes, ainda é observado um comportamento preconceituoso por parte dos professores contra o português falado pelos alunos, pois, quando um aluno fala o português com alguns traços de guineense ou se o seu português apresenta uma variedade de traços fonéticos de qualquer língua local ele corre risco de sofrer preconceito. Por exemplo na língua

---

<sup>5</sup> LÍNGUA: vidas em português. Direção de Victor Lopes. Brasil/Portugal, 2001. (105 min).

*Fula* não existe a junção de vogal (*br*) e (*pr*), assim, um aluno que tem *fula* como língua materna, ou seja, como sua primeira língua a língua que tem mais domínio de comunicação, tem a dificuldade de chamar as palavras em português com junção de vogar (*br*) e (*pr*), portanto ao chamar (*quebrado*) fala (*queburado*), e ao chamar (*branco*) fala (*buranco*).

Além disso, tem o guineense que influencia muito no português falado na Guiné-Bissau, uma vez que, o guineense em sua maior parte marca o plural só nos pronomes ou artigo pessoais os verbos são conjugamos da mesma forma, assim como a marcação de gênero é distinguido pela palavra, não tem o pronome que indica masculinidade e feminino. Todos esses fatos influenciam no português falado no território, apesar de todas as causas reveladas, quando um aluno fala português que apresenta essas características o professor lhe chama de burro e lhe humilha na frente de todos colegas por não falar um português de norma culta, porque na perspectiva dos professores a língua é uniforme, sendo assim, todos devem falar a mesma variação de português falado em Portugal e presente nas gramáticas.

Os próprios alunos usam de preconceito linguístico contra os seus colegas, quando um aluno chama a palavra diferente toda a turma goza dele, como já pudemos vivenciar quando estava estudando 10º classe. A diretora da escola entrou na sala e chamou nome de algumas pessoas que deviam entregar certificado de 9º ano, um colega de nome Vicente não tinha entregado o certificado, e na sala tinha duas pessoas com nome de Vicente como a diretora não chamou o apelido do Vicente que devia entregar certificado o outro Vicente que entregou disse a diretora, há dois ‘Vicentes’ aqui na turma a senhora devia chamar pela *mantenha*<sup>6</sup>, toda a turma deu rizada porque o aluno utilizou o termo *mantenha* que era em guineense, ficou humilhado e durante toda a semana as pessoas lhe chamavam de *mantenha* como uma forma de dizer que não sabe o português. Isso dá para perceber que o preconceito linguístico na Guiné-Bissau é transmitido de professor para alunos de adultos para crianças, pois estes alunos aprenderam dos professores que todo mundo deve falar de igual modo como a gramática ensina.

O português ensinado na escola de Guiné-Bissau é um português falado em Portugal, todo o aluno é obrigado a falar o português na sala de aula, um português que deve ser uma cópia do português falado em Portugal, se ocorrer a diferença na fala de um aluno o professor lhe grita e lhe chama de retardado. Isso é resquício de uma política assimilacionista muito bem implementada por Portugal em suas ex-colônias.

Esta não aceitação da diferença do outro, e achar horrível e errado tudo o que não corresponde com a gramática é um ato de preconceito linguística. De acordo com (BAGNO,

---

<sup>6</sup> Mantenha, é um termo em guineense que significa apelido ou sobrenome.

2013,19) “uma receita de bolo não é bolo, o molde de um *vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundi... também a gramática não é a língua.*”

A gramática veio depois da língua, e com certeza que depende da língua para funcionar. Pois, nós é que fazemos a gramática, sé a maioria de Guineenses falam de uma forma a gramática simplesmente tem que registrar porque está para fazer a nossa vontade. A língua sempre está em evolução, e não é função da gramática de julgar que esse desenvolvimento é errado, mas sim se afiliar a ela.

Bagno no seu segundo mito do livro *Preconceito Linguístico* diz: “o Brasil não sabe o português e só portugueses falam bem a língua”. Com este capítulo autor mostra as diferenças decisivas entre o português falado no Brasil e em Portugal, rompendo o mito de que a variedade da Língua Portuguesa falada em Portugal é a única prática correta. É equivocada a ideia generalizada que defende que o português falado em Portugal ou na Europa é melhor e único que todos devem segui-la.

Simpatizamos com a ideia de Bagno e chamamos de mito quando uma pessoa afirma que os guineenses não sabem o português ou quem fala o português com alguns traços ou sotaque de *fula*, *balanta* e *mandinga* não sabe o português, porque falar bem é saber imitar os portugueses. Esta ideia assume que a língua tem a única forma de ser expressada, e quem fugir dessa norma está errado.

É um mito a ideia de que todos falantes devem utilizar da mesma forma linguística pois, as línguas variam motivadas por diversas condições, o português guineense a sua variação é causado por muitas causas.

Na Guiné-Bissau, as pessoas têm uma visão da língua como uma figura homogenia, com uma estrutura fixa e imóvel, por esse motivo, julgam que o português correto é o que está na gramática e falado em Portugal, o pior é que a maioria dos educadores seguem a mesma ideia e consideram a língua um fenômeno fixa e única. Com a chegada da internet no país cresceu muito o preconceito linguístico, pois ninguém pode falar ou escrever um português com traços do guineense ou influenciada por outras línguas locais e apostar na rede social, todo mundo vai julgar que é burro, entre tantos comentários e gargalhadas para mostrar que a pessoa não sabe o português, e quem não sabe o português é considerado burro. Os guineenses atribuem o conhecimento de acordo com o domínio da língua que a pessoa tem, uma pessoa que domina a norma gramatical europeia e articula bem o português é respeitado e considerado inteligente mesmo se não ter uma graduação, pois para uma pessoa ser considerada inteligente é só ter uma boa retórica e falar o português de Portugal.

#### 4 METODOLOGIA, APLICAÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

No presente trabalho, procuramos fazer uma análise do comportamento das pessoas acerca da língua português em território guineense. Como uma forma de obter os resultados do nosso trabalho, andamos em duas linhas de pesquisas: a partir das pesquisas qualitativas e através das pesquisas de campus.

A partir da revisão literária, fizemos o levantamento de dados dos livros, artigos científicos e revemos vários conteúdos na internet que tratam de sociolinguística variacionista, principalmente a obra de escritor clássico Brasileiro Marcos Bagno e outros autores que já debruçaram sobre a temática como uma forma de familiarizar com a temática e de embasar a nossa pesquisa, pois conforme Gil (2008, p.50) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

No segundo passo da nossa pesquisa utilizamos a aplicação dos questionários baseados no trabalho de Santos (2018) que tece considerações sobre as variedades da língua portuguesa falada no Brasil, em específico sobre as atitudes e crenças linguísticas de um grupo de falantes em relação às variedades nordestinas. De igual modo, em nosso questionário, procuramos compreender as atitudes linguísticas dos falantes em relação ao português de Guiné-Bissau.

O nosso questionário foi estruturado a partir de onze (11) perguntas abertas e nove (9) perguntas fechadas. Sobre esses tipos de perguntas, destacamos que:

As perguntas fechadas pedem “sim” ou “não” como respostas, ou ainda um número ou uma data. As perguntas abertas pedem respostas mais abrangentes e com mais conteúdo, e fornecem mais informações. Trazem consigo espaço para várias possibilidades de respostas, podem estimular o raciocínio e a criatividade (ALVES, p. 6, 2013).

Desse modo, na pergunta aberta o entrevistador não sabe o que irá ouvir do entrevistado, pois, o entrevistado tem as possibilidades de responder conforme o seu entender, já que na pergunta fechada, o entrevistado tem apenas duas possibilidades de respostas que podem ser “sim ou não”.

Pensando em um conjunto de questões que tivessem como escopo informações que trouxessem elementos sociolinguísticos de Guiné-Bissau, incluindo informações de ordem da crença e atitudes linguísticas dos falantes, elaboramos nosso questionário.

Para a sua aplicação, em um primeiro momento, fizemos um recorte de aplicação para apenas nativos da Guiné-Bissau, sejam residentes no país ou residentes no Brasil. A princípio, tínhamos o objetivo de coletar as informações de 20 colaboradores. No entanto, obtivemos 9

colaborações. A coleta de informações foi possível a partir da aplicação do questionário diretamente com os colaboradores ou por via virtual, com o envio do questionário e seu recebimento preenchido por e-mail.

Por não termos como objetivo inicial um levantamento exaustivo e quantitativo desses dados que poderiam suscitar uma análise mais acurada em relação a sexo, idade, escolaridade e estrato social e suas interferências, abdicamos dessa análise, mas destacamos que dos 9 colaboradores, 4 são declarados do sexo masculino e 5 são declarados do sexo feminino; 8 são estudantes universitários e 1 do ensino superior<sup>7</sup>; 4 são residentes no Brasil e 5 são residentes da capital Bissau, 2 são estudantes de Letras e os demais de outras áreas.

A seguir, apresentamos as informações coletadas a partir de cada pergunta do questionário.

**1. Nas escolas, nas instâncias governamentais, nos meios de comunicação etc., de Guiné-Bissau, o português, na sua opinião é uma língua:**

Que deveria ser de uso obrigatório e única a ser falada em Guiné-Bissau.	-
Que deveria ser de uso obrigatório e falada junto com as demais línguas de Guiné-Bissau, como o crioulo e demais línguas autóctones.	06
Não deveria ser de uso obrigatório, com o falante se comunicando a 02 partir de sua língua materna.	02
Não respondeu	01

Podemos notar que 6 colaboradores responderam que deveria ser de uso obrigatório, 2 responderam que não deveria ser de uso obrigatório e 1 não respondeu. A partir das respostas dadas percebe que maior número de colaboradores preferem o uso da língua português como obrigatória, isso mostra o poder da língua portuguesa como a língua oficial.

**2. Quando você escuta alguém falar o português, consegue identificar se a pessoa é de Guiné-Bissau ou outro lugar que se fala o português, como Portugal, Brasil, Angola, etc.?**

Sim	09
Não	00

<sup>7</sup> O equivalente ao ensino médio brasileiro.

**3. Se você respondeu (sim) na questão anterior, nos diga o que faz você perceber que a pessoa é de um lugar específico.**

Os nossos colaboradores afirmam que conseguem identificar o português de uma pessoa de Guiné-Bissau, Angola e outro lugar a partir do sotaque, como percebemos na resposta de um dos entrevistados residido em Bissau: “*consigo perceber porque a fonética de cada país é diferente do outro*”. A partir das respostas dos colaboradores, podemos entender que a maioria assume que a língua varia e destacaram o sotaque como a parte na língua que facilita para identificar a diferença. O sotaque é a parte mais fácil de perceber a diferença, pois quando queremos imitar o falar, ou debochar alguém geralmente o sotaque sempre é o destaque.

**4. O português falado na Guiné-Bissau, em sua opinião, é uma língua:**

Bonita	09
Feia	00

Todos os entrevistados responderam que o português falado na Guiné-Bissau é bonito e, entre as justificativas, mostraram que o português guineense está muito próximo de Portugal porque os guineenses são inteligentes, conforme a resposta de um entrevistado residido no Brasil: “*o português de Guiné-Bissau é bonito porque o português falado na Guiné-Bissau tenta no máximo seguir o português padrão (Portugal)*”. Essa ideia enfatiza que existe língua bonita e língua feia e, neste contexto, o português de Portugal é o padrão e mais bonito de todas as demais variedades. Para falar bonito tem que imitar o seu sotaque, e por outro lado o entrevistado disse que o português de Portugal é o padrão de todas outras variedades da língua portuguesa, ou seja, é um modelo para todas as demais, a mais prestigiada e uma variedade gramaticalmente considerada correta.

**5. Em que país você considera que se fala o melhor português (aponte apenas um país):**

Angola	00
Brasil	01
Cabo Verde	00
Guiné-Bissau	01
Moçambique	00
Portugal	07
São Tomé e Príncipe	00
Timor Leste	00
Outro. Qual?	00

Podemos notar que 1 dos colaboradores disse que no Brasil fala-se melhor português, 1 colaborador apontou Guiné-Bissau e 7 disseram Portugal. As respostas mostram que, para os colaboradores, existe uma língua ou variedade melhor que outra, pelo menos no plano da fala. Neste contexto o português de Portugal é enfatizado como o melhor de todos, na justificativa de uma entrevistada disse: *“porque o português de Portugal é referência aos demais países”*.

**6. Em Guiné-Bissau, quem fala melhor o português?**

Criança	01
Jovem	04
Adulto	03
Idoso	-
Não respondeu	01

Aqui temos 1 entrevistado que não respondeu, 1 disse que as crianças falam melhor porque não usam calão, 4 disseram que os jovens são mais escolarizados e que aprendem o português na sua melhor forma e três 3 disseram que os adultos respeitam as normas linguísticas.

As respostas mostram que os jovens se interessam e têm mais acesso a língua portuguesa, assim como uma disponibilidade no seu aprendizado, já que o português é uma língua moderna exigida no mercado de trabalho, no âmbito das escolas e, principalmente, nos contextos oficiais entre as Instituições e o mundo exterior. Todos esses fatores podem influenciar no interesse de jovens em falar o português.

**7. Em Guiné-Bissau, quem fala melhor o crioulo guineense?**

Criança	-
Jovem	-
Adulto	01
Idoso	08

Como podemos notar 1 colaborador disse que jovens falam mais crioulo e 8 disseram idosos. Entre as justificativas de que os idosos falam mais crioulo um colaborador disse: “*porque idosos são conservadores da cultura ou identidade guineense*”. Ou seja, a língua crioula está atrelada ao sentido de conservação da cultura e identidade guineenses, tendo os idosos como baluartes dessa conservação linguística.

**8. O português é uma língua melhor que o crioulo guineense. Sobre afirmação você:**

Concordo	02
Discordo	06
Não sei opinar	01

Entre as respostas percebe-se que 2 entrevistados concordaram que o português é uma língua melhor que o crioulo, 6 discordaram e 1 não sabe opinar. Grande parte dos nossos colaboradores discordaram da ideia o português é melhor que o crioulo guineense, como vemos nas justificativas em que uma entrevistada responde: “*porque independentemente de uma língua ser oficial e outra nacional, cada língua possui sua grande importância na comunicação entre pessoas*”. A resposta nos leva a perceber que toda a língua tem uma função importante, que é de comunicar, portanto não devendo existir superioridade na língua.

**9. Em alguma situação você já foi alvo, ou conhece alguém que tenha sido, de preconceito por não falar português ou não dominar a língua dentro de padrão considerado culto?**

Sim	06
Não	01
Não existe preconceito por falarmos errado	01
Não respondeu	01

Aqui seis 6 colaboradores responderam sim, 1 colaborador respondeu não, 1 que não existe preconceito por falar erado e um 1 não respondeu. Percebemos que a maioria reconhece que existe preconceito linguístico.

**10. Você se relacionaria (seja em nível de amizade, amorosamente, profissionalmente, etc.) com alguém que não fala português?**

Sim	09
Não	00

Aqui todos os entrevistados responderam sim, o que nos leva a entender que saber falar uma língua não deve ser motivo de inferiorizar outras pessoas que não sabem, inclusive na questão de percepção e afetividade a partir da língua nas relações interpessoais.

**11. Você se relacionaria (seja em nível de amizade, amorosamente, profissionalmente, etc.) com alguém que não fala crioulo?**

Sim	08
Não	-
Não respondeu	01

Nas respostas 8 entrevistados responderam sim e 1 respondeu não, reforçando o que apontamos em 11.

**12. Você prefere se relacionar com pessoas que falam (marca apenas uma alternativa):**

Português, apenas	00
Crioulo guineense, apenas	00
Português e crioulo guineense	00
Português, crioulo guineense, língua (s) autóctone (s)	09

**13. Você acha que no ambiente escolar de Guiné-Bissau há uma diferenciação, seja entre os professores ou entre alunos, em que fala português e quem fala alguma outra língua que não seja o português?**

Sim	06
Não	02
Não respondeu	01

Podemos perceber que seis 6 colaboradores responderam sim, 2 responderam não e um não sabe responder. Através das respostas entendemos que existe uma diferença de tratamento entre as pessoas que falam português em relação aos outros que só as línguas locais.

**14. Caso tenha respondido (sim) na questão anterior, por favor, justifique sua resposta com alguma informação que confirme sua percepção do acontecido.**

As respostas apresentadas revelam que as pessoas que falam português nesse ambiente, além de ter mais respeito e privilégio, são considerados mais inteligentes, sobre o qual um colaborador na sua justificativa disse: *“entre os alunos caso um fala o português e outro não por vezes há uma diferenciação onde aquele que fala o português é mais privilegiado e tomado como mais inteligente.”* Entendemos que neste contexto, o português é uma língua de prestígio na Guiné-Bissau, saber comunicar nessa língua ocupa uma posição social com status elevado.

**15. A escola em Guiné-Bissau deve ensinar em português.**

Concordo	09
Discordo	00

A partir da questão 15, no qual 9 colaboradores concordaram que escola em Guiné-Bissau deve ensinar em português, um dos entrevistados justifica afirmando: *“já que é a língua de colonização”*. Essa resposta nos faz perceber que todos colonos têm uma obrigação de ensinar na língua do seu colonizador.

**16. A escola em Guiné-Bissau deve ensinar crioulo guineense.**

Concordo	06
Discordo	03

Nesta questão temos seis 6 colaboradores que concordaram para escola ensinar em língua crioula e três discordaram. Uma entrevistada que disse: “*porque o crioulo guineense está perdendo cada dia e não deve ser perdido*”. Ou seja, ensinar em crioulo é uma forma de manter sempre viva e resistindo, demonstrando a importância cultural e identitária do país.

**17. Em Guiné-Bissau, todas as pessoas falam o português de mesma forma? Isto é: você nota sotaque, uso de palavras ou algum outro aspecto que possa diferenciar cada pessoa?**

Sim	06
Não	03

Na questão 17 temos 6 pessoas que concordaram que na Guiné-Bissau as pessoas falam o português diferente e 3 discordaram. O maior número dos entrevistados acreditou que o português guineense tem uma variação que são provocadas pelo sotaque uso de palavra e entre outros aspectos.

**18. Caso você tenha respondido (sim) na questão anterior, por favor aponta que região ou locais que você nota essas diferenças no português dentro de Guiné-Bissau e dê pelo menos um exemplo dessa diferença.**

Para responder a questão anterior 6 colaboradores justificaram e 3 não responderam. Um entrevistado que trouxe um exemplo de diferença e disse: “*no sul do país por exemplo: fazer ‘facer’, igual ‘icua’l*”. Este exemplo nos mostra que existe uma variação de português falado na Guiné-Bissau. No exemplo o entrevistado destacou a variação regional.

**19. Qual região fala o pior português em Guiné-Bissau? E porque você considera isso? (caso não ache que há uma região em que se fala um português ruim, por favor, não responda esta questão).**

Nesta questão temos 2 colaboradores que responderam e 6 seis não responderam. Entre as respostas um colaborador disse: “*região de biombo porque é la que tem baixo nível acadêmico*”. A ideia nos mostra que as regiões com baixa índice acadêmico fala o pior português.

**20. Como você avalia a sua fala em português em uma escala de 0 a 10, sendo 0 (não domínio nada), 5 (intermediário) e 10 (domínio total da língua).**

Domínio da fala em língua portuguesa	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Não respondeu
Quantidade de respostas						2	2	3	1			1

De acordo com os dados alcançados, constatamos que há preconceito linguístico na Guiné-Bissau, observamos que os moradores de grande cidade inferiorizam o português das pessoas que vivem nas regiões com baixo índice de alfabetização, visto que, o português falado nestas regiões apresentam variações diferentes. Este julgamento contrário a determinada variação linguística, achar ruim e feio o português que diferencia da norma culta, considerar que a língua deve ser igual a que a gramática apresenta é um preconceito linguístico. Por outro lado, compreendemos que existem grupos de pessoas que valorizam as línguas locais, optando que o crioulo seja a língua de alfabetização, uma vez que, é a língua que a maioria domina. Decidimos fazer um estudo desta natureza como uma forma de revelar e avaliar as atitudes linguísticas existente na sociedade guineense, intender como um sujeito avalia a língua do outro de uma forma individual e social.

A partir da nossa pesquisa, percebemos uma visão linguística que é carregada na sociedade guineense, essa visão é formada a partir da política linguística adotada pelo Estado. Em primeiro lugar, compreendemos que a sociedade valoriza mais a língua portuguesa em detrimento das línguas locais, sendo considerada oficial ela ocupa um status mais alto no país. Por outro lado, constatamos que a sociedade considera mais o português falado em Portugal, considerado o clássico que todos devem seguir.

Deste modo, consideram os falantes mais capacitados e superior os que falam o português com mesmas características do português de Portugal. Isso parte de uma inferência de que a língua de homogênea e dever ser quebrada, porque cada país tem a sua cultura diferente do outro, esta particularidade cultural que condiciona as variedades linguísticas. Este não respeito da variação linguística do outro, é considerado preconceito linguístico, porque a finalidade da língua é de manter a comunicação entre os indivíduos, por isso, não deve ter a língua feia e bonita, bom e ruim.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve a finalidade de fazer uma análise sobre a visão homogênea de algumas pessoas sobre o português guineense, que motivaram uma atitude preconceituosa. Na primeira seção do trabalho, apresentamos a panorama socio histórico e linguístico da Guiné Bissau através de uma breve narração da história do país, as diversidades linguísticas que o país apresenta e as posições que cada língua ocupa na sociedade, por outro lado, apresentamos alguns

Na segunda seção, apresentamos a metodologia utilizada para realização da nossa pesquisa, no qual, usamos o método bibliográfico para fazer as revisões literárias, e utilizamos as pesquisas qualitativo para analisar os dados, e por fim aplicamos questionários como uma forma de testar as atitudes linguísticas carregada na sociedade guineense.

No terceiro capítulo, dedicada a preconceito linguístico dialogamos com alguns teóricos que falar de temática e sua origem, destacamos a obra de Bagno, “Preconceito linguístico”, como uma referência

Na última seção, aplicamos alguns questionários para alguns estudantes resididos em Guiné-Bissau e no Brasil concretamente em São Francisco do Conde (BA), nos questionários tinha perguntas abertas e fechada, com estes questionários conseguimos ter uma visão básica sobre crenças e atitude linguística que as pessoas carregam na Guiné-Bissau.

A partir da nossa pesquisa, percebemos que a visão linguística implementada na sociedade guineense é formada a partir da política linguística adotada pelo Estado. A política que valoriza mais as línguas ocidental em detrimento das línguas locais, pois as respostas apresentadas nos questionários mostram que o português falado em Portugal é clássico, ou seja, modelo que todos devem imitar. Assim, para uma pessoa ser considerada o falante do português deve saber imitar todos os traços do português de Portugal, ou seja, percebe-se que no território a língua é enxergada como um fenômeno homogenia e fixa. Além disso, mostrou que essa questão está muito mais no campo da crença do que da atitude, na medida em que foi unânime perceber de onde vem o falante em função de sotaque.

Conforme Lagares & Bagno (2011, p.16), “as línguas constituem sistemas abertos, heterogêneos e dinâmicos, mais redefiníveis como sistemas de sistemas (polissistemas); rompe-se assim com a tradicional visão das línguas como entidades discretas e homogêneas, estruturas estáticas e fixas”.

Por fim, é muito importante frisar que a língua é heterogenia, pois ela varia de acordo com lugar, classe social, idade, sexo e entre outros fatores, então é compreensível que os

falantes falam de acordo com as suas necessidades e realidade, a diferença no falar de um guineense deve ser considerado como variação de um português falada na Guiné-Bissau não como um erro.

## REFERÊNCIAS

- ABDULA, R. A. M; QUEBI, D. O.; TIMBANE, A. A. As políticas linguísticas e o desenvolvimento endógeno em África. **Web-Revista Sociodiaeto**. v. 5, nº 13, jul. 2014.
- ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.
- ALVES, Lincoln Máximo. **A arte de fazer perguntas**. Novembro/2013. Disponível em <http://www.portalsaberlivre.com.br/manager/uploads/educacional/1392132607.pdf>
- BAGNO, M. 1999. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 15ªed. São Paulo: Editora Loyola.
- BAGNO, M. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. **Veredas** - revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, 2003, p. 71-83.
- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAGNO, M.; LAGARES, X. C. (Orgs.) **Políticas da Norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006
- CA, V. J. B. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- CARDOSO, H.; HAGEMEIJER, T.; ALEXANDRE, N. Crioulos de Base Lexical Portuguesa. In: M. Ilescu & E. Roegiest (eds). **Anthologies, textes, attstations et sourcer des langues romanes**. Berlin/Dordrecht: Mouton de Gruyter, 2015, p. 670-692.
- DA SILVA, C.L.; SAMPA, P. J. Língua portuguesa na Guiné-Bissau e a influência do crioulo na identidade cultural e no português. **RILP** - Revista Internacional em Língua Portuguesa, nº 31 – 2017.
- EMBALÓ, F. **O crioulo da Guiné-Bissau**: língua nacional e factor de identidade nacional. PAPIA, nº18,2008, p.101-107.
- INE (Instituto Nacional de Estatística guineense). Disponível em < <http://www.stat-guineebissau.com/>>. Acesso em 07 novembro 2018.
- INTUMBO, Incanha. **Situação sociolinguística da Guiné Bissau**. Disponível em < [http://didinho.org/Arquivo/SIT\\_LING\\_GB\\_Incanha.pdf](http://didinho.org/Arquivo/SIT_LING_GB_Incanha.pdf)>. Acesso em 03 maio 2019.
- KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África**, 2006,p.73

MARIANI, B. Entre a evidência e o absurdo: sobre o preconceito lingüístico. **Cadernos de Letras da UFF**, 36, 2008, p.27-44.

NAMONE, D.; TIMBANE, A. A. Consequência do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental da Guiné-Bissau 41 anos após a independência. **Mandinga**, v. 1, p. 39-57, 2017.

PINTO, P. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau**: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.

TIMBANE, A. A. Complexidade do ensino em contexto multilíngue em Moçambique: políticas problemas e soluções. **Calidoscópico**. Vol. 13, n. 1, jan/abr. 2015, p.92-103.